

4

Escrevendo para o outro

O leitor do e no diário

A relevância da perspectiva do outro na escrita diarística foi apontada – de forma superficial ou com promessas de aprofundamento – em ensaios e artigos de diversos autores. Alguns desses autores tiveram algum tipo de aproximação com a escrita íntima, para além do papel de crítico ou investigador. O mais peculiar é, sem dúvida, Roland Barthes. Em “Deliberação”, Barthes alude a três momentos diferentes em sua relação com a manutenção de um diário: o primeiro momento seria o da anotação (da escritura); o segundo, uma leitura próxima, temporalmente, à escritura; o terceiro momento, uma leitura bastante posterior às precedentes. Os três momentos expõem a atribuição de uma importância maior à leitura e às impressões por ela suscitadas.

O extenso estudo de Georges Gusdorf sobre o que ele chama de “écritures du moi” contempla com um capítulo a questão da destinação dos diários íntimos. Nele, Gusdorf propõe algumas possibilidades de compreensão de um destinatário ou interlocutor do diário íntimo. Primeiro oferece a imagem do confidente, exemplificando-a com o diário de Maurice Guérin, que se dirige a esse interlocutor discursivo como sendo um ser dotado de alma, de vida, de inteligência. Em seguida, sinaliza com a possibilidade de o diário representar um interlocutor válido, como uma espécie de *alter ego* do diarista, e cita Michelet. O diálogo estabelecido entre diarista e *alter ego* o leva a citar Paul Valéry: “Um homem que escreve não está jamais só” (Apud: Gusdorf, op. cit., p.389). Um tipo de interlocução, ou de diálogo, então, passa a ser visto com mais clareza no âmbito da escrita diarística. Ainda que se destine ao próprio, a escrita mantém sua característica de ato comunicativo. Dessa forma, Gusdorf considera como primeiro destinatário o próprio diarista, ao instituir um diálogo entre o “eu sujeito” e o “eu objeto”.

A classificação de Gusdorf não difere daquela feita por Jean Rousset, no artigo “Le Journal Intime: texte sans destinataire?”, que constitui um capítulo do estudo mais abrangente que faz do leitor dentro da obra literária. Rousset oferece quatro possibilidades de destinação do texto diarístico: autodestinação; pseudodestinação; grau de abertura de destinação; grau de fechamento de destinação. Em *Le lecteur intime – De Balzac au Journal*, Rousset afirma, também apoiado em Paul Valéry, que todo texto pressupõe um destinatário, portando sinais direcionados a alguém que os descobrirá no ato da leitura. Para ele, esse “alguém” é sempre virtual, já que se propõe a pensar o leitor íntimo, aquele que se encontra enclausurado nas malhas da narrativa. Dito isso, descarta-se, em seu estudo, qualquer relação entre suas análises e as premissas da estética da recepção. Seu leitor íntimo será buscado no texto e somente em sua materialidade textual, através de rastros deixados pela intenção do autor nos enunciados:

Meu objetivo é outro, já que inspeciono primeiramente os sinais manifestos, as prescrições declaradas que nos informam menos sobre o destinatário mesmo que sobre isso que se espera dele; essa imagem ficcional, esse papel nos fala de desejos do autor mais do que de possibilidades de recepção e de reação em um momento dado da evolução literária. (ROUSSET 1986, 11).

Seu estudo não teria muito espaço nessa pesquisa não fosse sua ousadia em avançar para o campo das escritas diarísticas. O *corpus* de sua pesquisa, iniciado com Balzac, passando por La Fontaine, Rousseau e Corneille, inclui aos diários de Amiel e Gide. Para Rousset, o diário constitui um gênero ambíguo que jamais deixou de se colocar a questão de seu destinatário, desde suas origens até os dias atuais. Ambíguo por fugir da concepção de gênero como ela é comumente aceita, ou seja,

uma categoria de textos dotados por convenção bem estabelecida de traços comuns próprios a essa categoria somente, admitindo-se que cada texto particular seja concebido dentro dela – e lido – em sua relação com todos os que a ele se parecerem; o gênero antecede assim a obra individual. (Ibid., p.14).

Segundo Rousset, o diário representa um caso aberrante no que tange à sua inclusão em um gênero específico: o texto individual precederia sua matriz genérica. Cada texto diarístico, em locais extremamente remotos, representaria um

ato fundador do gênero, desenhando-lhe os traços característicos e obrigatórios para que um diário seja reconhecido como tal.

A reflexão de Rousset é questionada por Mireille Calle-Gruber, para quem a questão do destinatário do diário também deveria ser postulada pelo viés puramente textual. A crítica por ela formulada contra a tipologia de Rousset reclama, contudo, um maior rigor de critérios. Para Calle-Gruber, no caso da autodestinação, por exemplo, servem como exemplos as instâncias narrativas textualizadas, enquanto que sob a rubrica de « grau de abertura de destinação » encontram-se instâncias textuais mas também aquelas eventuais instâncias extratextuais, decorrentes da prática da leitura dos textos ou pela sua publicação.

Leitor ou destinatário: um denominador comum entre cartas e diários

Não é raro que leitores encarem correspondências e diários como textos cujas características são intercambiáveis. Diários são comumente vistos como cartas escritas a um amigo (imaginário ou real), ou a um leitor inexistente, ou, se existente, não consciente de seu papel de interlocutor. Correspondências, muitas vezes, são também produzidas como se fossem diários, mesmo sem a intenção de lê-lo, em que os eventos e os dias que se sucedem são descritos com a intenção não somente de informar como também de registrar o ocorrido. São, acima de tudo, um estabelecimento de diálogo com o outro, um diálogo impossível de acontecer sob algumas circunstâncias. Esse diálogo marcaria a principal diferença entre cartas e diários, em que as cartas teriam sua incontestável natureza dialógica, enquanto que diários representariam mais um monólogo, ou um diálogo de si para si, com diferentes propósitos. A carta seria um retrato do sujeito oferecido ao outro. O diário, um espelho refletindo somente a face do diarista, emissor e receptor de suas próprias palavras e imagens.

Como, então, continuar a aproximar os dois gêneros, uma vez que suas naturezas essenciais se distanciam e, até mesmo, se conflitam? As cartas explicitam o outro, sua importância no jogo comunicativo, na troca de reflexões e pontos de vista. O diário, em princípio, exclui o outro, sua voz, sua opinião, sua participação. Ingenuamente, pensar-se-ia serem as cartas um texto meramente

expositivo, exógeno, cuja ação seria sentida pelo outro, em sua leitura ou releitura. O diário, por outro lado, teria uma força endógena, lançando o diarista para o centro de sua escrita, fazendo-o refletir sobre si mesmo, examinar-se e propor a si mesmo novas alternativas de vida e de pensamento. Como temos visto, o exercício da escrita pessoal ao longo dos anos vem demonstrando serem essas fronteiras conceituais e genéricas bastante flexíveis. Diários e cartas estão muito próximos exatamente no ponto em que se diferem: na presumida presença ou ausência de uma interação com o outro. E não somente nesse aspecto se aproximam, como podem servir de prova as comuns inclusões de cartas no corpo do texto diarístico (e vice-versa). Produtos de um mesmo tempo – pelo menos no que tange à sua vulgarização –, cartas e diários devem sua difusão ao Século XIX, um século da intimidade por excelência:

No século XIX, a carta, esquecendo-se de seu antigo ofício de sociabilidade mundana que ela ocupava (...) se insere definitivamente no território da intimidade. Ela era um eco de um socioleto e a marca da inserção de um indivíduo na sociedade; não desejava mais ser somente um idioleto quase críptico de uma pessoa. (DIAZ 2006, 17).

Diante da existência de caminhos e impasses que ligam e, paradoxalmente, afastam cartas e diários, é necessário pontuar claramente em que sentido suas singularidades se aproximam naqueles em que se podem considerar seus traços constitutivos: sua relação ao tempo, à escritura e sua relação ao outro e a si.

Os dois textos apresentam uma relação com o tempo bastante semelhante: são textos datados, explicitamente ou não, e se ocupam de fatias de tempo muito similares pela sua fragmentação. O “tempo escandido” (Diaz) está presente nos dois gêneros e, de certa forma, segue como sendo uma das mais importantes regras aquela que ficou conhecida como a lei de Blanchot, “a obediência ao calendário”. Ainda quando essa obediência não se apresenta completamente, é a passagem do tempo, a tarefa de congelar o momento presente na escrita, aquilo que liga a prática diarística e epistolar à hegemonia da urgência em se gerenciar o tempo. Enquanto o diário serve como um guarda-memória sempre ao alcance das mãos, a carta enviada será, porém, o registro do dia que não será jamais revisto. Ao menos que seja incluída em uma possível e paralela prática de escrita diarística. E nesse caso, estaríamos diante de uma realidade bem possível. As

situações decorrentes dessa possibilidade de contiguidade entre cartas e diário engendram relações tais como:

- a carta como texto exterior e anterior incorporado ao diário;
- o diário como espaço de esboço da carta que será escrita;

Frequentemente citado em textos sobre diários, o texto de Foucault, “L’écriture de soi”, descortina um valor da escrita epistolar que é constantemente atribuído somente ao diário. Esse valor, inserido em uma ordem fenomenológica, não se resume ao resultado de um ato de comunicação, à força dialógica da carta, sua função de sociabilidade mundana, como lembra Diaz. A correspondência, como mostra o artigo de Foucault, tem em suas origens uma função de exercício de auto-reflexão – uma escrita performática que opera mudanças, primeiramente, em quem a produz, para, em seguida, agir sobre o destinatário. Esse exercício de auto-reflexão, tão aderido à imagem do diário, é muitas vezes ignorado no campo do texto epistolar, cujo eixo emissor-destinatário sedimenta a compreensão de uma ação voltada para o outro, uma permissão do sujeito para que o outro tome conhecimento de si e de seus dias, com vistas a operar algum tipo de reação no leitor.

Todavia, é a segunda parte do artigo que nos fornece material para uma reflexão mais profunda sobre essa paradoxal aproximação entre cartas e diários.

As correspondências, como expõe Foucault em seu texto, propiciam também um exercício pessoal. A carta enviada age, pelo gesto mesmo da escritura, sobre aquele que a envia tanto quanto sobre aquele que a recebe e lê (ou relê).

A carta que é enviada para ajudar o destinatário – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui para o emissor uma maneira de treinamento: um pouco como os soldados em tempos de paz que exercem o manejo das armas, as opiniões que são oferecidas aos outros na urgência de sua situação são uma maneira de se preparar a si-mesmo no caso de uma eventualidade semelhante. (Foucault, op. cit., p.14-15).

Foucault detém-se longamente na reflexão sobre as *Cartas a Lucílio*, de Sêneca, (4 – 65 AC), que considera ser uma atividade de direção exercida por um homem já afastado de suas atividades públicas sobre outro que está em plena ocupação de funções públicas. Pela carta, um se abre ao olhar do outro e coloca-se o correspondente em um lugar privilegiado, como um deus interior: uma abertura

que se dá ao outro sobre si-mesmo, e é sem dúvida dessa forma que afirma dever serem procurados os primeiros desenvolvimentos históricos das narrativas de si:

Dessa forma, a carta 99 a Lucílio : ela é uma cópia de outra missiva que Sêneca havia enviado a Marullus, cujo filho havia morrido algum tempo antes. O texto se insere no gênero da “consolação”: ele oferece ao destinatário as armas “lógicas” com as quais lutar contra a tristeza. (...) a carta possui então um papel de admoestação. Mas para Lucílio a quem ela é também enviada, e para Sêneca que a escreve, ela tem o papel de um princípio de reativação: reativação de todas as razões que permitem superar o luto, de se persuadir que a morte não é uma maldição (nem a dos outros nem a própria). E graças ao que é leitura para um, escritura para outro, Lucílio e Sêneca terão, assim, um reforço em sua preparação para o caso de um evento semelhante lhes advir. A *consolatio* que deve ajudar a corrigir Marullus é, ao mesmo tempo, uma *praemeditatio* útil para Lucílio e Sêneca. A escritura que ajuda o destinatário arma o emissor – e eventualmente os terceiros que a lerem. (Ibid., p.15)

Encontramos, assim, nessa análise de Foucault o papel da correspondência como uma escrita performativa que agirá não somente sobre o destinatário, mas principalmente sobre o emissor, através do poder da reflexão e da auto-reflexão que se operam no ato mesmo da prática textual. Essa potencialidade da carta, também entendida aqui como uma potencialidade do diário, aproxima as duas práticas textuais em vez de distanciá-las, como seria fácil supor. A qualidade performativa da prática textual (ênfasis aqui a diferença entre a prática textual e o texto, uma vez que pela análise de um *corpus* específico pode-se encontrar indícios de um efeito de prática textual diarística ou epistolar sobre o seu praticante, sendo, contudo, mais difícil determinar esse efeito sobre um leitor, destinatário da carta ou leitor do diário.) operaria o desvio pela linguagem que resulta no exercício da auto-reflexão, do diálogo do sujeito consigo mesmo. Nas correspondências entre Sêneca e Lucílio, entre Marco Aurélio e Fronton e em algumas cartas de Plínio, mostra-se já evidente o aparecimento de uma narrativa subjetiva, bem diferente das que se poderia encontrar, em geral, nas cartas de Cícero a seus familiares: nelas, tratava-se de uma narrativa de si-mesmo como o sujeito da ação (ou de deliberação para uma ação possível). É difícil, porém, imaginar até que ponto a relação com a escritura e a percepção do tempo da vida eram diferentes das nossas. Sêneca não teria jamais escrito para si o que escreveu para Lucílio. Será com os cristãos, ao retomarem por sua própria conta os exercícios espirituais estoicos dando-lhes um tom repressivo mais marcante, que aparecerão as prefigurações da prática do diário. A escritura não deveria mais

servir para interiorizar o olhar do outro, mas para permitir uma observação de si no tempo.

Diários e cartas – Como reconhecer, ao vê-los?

A tarefa definidora é, sempre, complexa e perigosa. No caso dos diários, muito se tem insistido em sua natureza proteiforme, na sua diversidade temática e funcional (fatores que se influenciam mutuamente) e em sua inconformidade a suportes materiais precisos. Como também já foi dito, a única regra do diário seria a ausência de regras. Em relação às cartas o cenário se mostra bem menos indeciso. Há regras que, não seguidas, ameaçam o processo instaurado a partir da escritura de uma carta – o estabelecimento de uma comunicação interpessoal, envolvendo um emissor, uma mensagem e um destinatário. E as regras, simples, são postuladas no âmbito extradiscursivo de forma normativa: haverá um remetente identificado e um destinatário determinado (contudo, cartas anônimas são enviadas, outras são escritas para destinatários inexistentes – basta ver o volume de cartas nas agências postais cujo destinatário é, por exemplo, Papai Noel -, mas todos esses desvios são bem marcados como tal, não comprometendo a imagem da carta em si); o corpo textual de uma carta se compõe de “local e data”, “fórmulas de polidez e de cortesia” (na abertura e no fechamento) e, naturalmente, o texto da carta. O suporte material também é inconfundível: folhas soltas inseridas em um envelope. Assim, torna-se possível reconhecer uma carta ao vê-la... mas, e ao lê-la?

A leitura comparativa de uma carta e de um diário poderia apresentar problemas, afinal, haveria também no diário um destinatário interno – facilmente confundido com um destinatário externo da escrita epistolar. O conteúdo, tanto da carta quanto do diário, pode sofrer variação de graus de intimidade: desde temas subjetivos a questões de ordem prática e externa. O que parece, por fim, distinguir as duas práticas de escrita seria, pois, o aspecto de unicidade da carta em contraste com a natureza fragmentária do diário. Em outras palavras, a carta é em si mesma uma unidade completa, ainda que faça referências a fatos e coisas de tempos anteriores ou posteriores ao presente de sua escrita. Ainda que, hipoteticamente, haja uma reunião absoluta de todas as cartas enviadas e recebidas, entre dois

correspondentes, organizadas em ordem cronológica na intenção de explicitar uma totalidade forjada, somente assim haveria uma evidência de uma totalidade. Entretanto, essa totalidade só seria possível a partir da existência de dois autores, contra a singularidade do “autor” do diário. Um diário, por outro lado, é um conjunto de entradas, que embora possuam também sua inteireza, são fragmentos de um todo (que, em muitos casos, jamais se completa). As entradas de um diário podem obedecer a uma orientação temática, fazendo com que cada entrada apresente e desenvolva um tema e, dessa forma, atingindo uma completude similar àquela da carta. Há, contudo, uma relação de dependência entre essas entradas “quase independentes” e o todo do diário: a contiguidade. As entradas são agrupadas, formando o projeto de totalidade jamais alcançada que é o diário.

Nesse capítulo, analiso brevemente três “documentos” pessoais distintos. O que os aproxima é exatamente o eventual deslizamento entre uma escrita diarística e epistolar.

4.1. As cartas-jornais de Princesa Isabel

Dia 5 de Novembro de 1884.

Tristes adeuses. Partida da Estação do Campo, às 7 horas e um quarto da manhã. Parada na Estação de São Cristóvão. Almoço na Barra do Piraí.

Chegada a Lorena, às 2 horas e meia, com meus olhos ardendo desesperadamente, por causa do carvão. Muito bonita a casa do Visconde de Moreira Lima, excelente hospedagem, jantar que durou das 7 às 9 horas, concerto depois organizado pela Viscondessa e dirigido pelo Maestro Rodenas do Chile.

Algumas senhoras não se saíram mal, no piano.

A situação da casa é lindíssima, e dela se goza de uma vista extensa e magnífica. (Daunt, op. cit., p. 27).

Assim inicia seu diário, a Condessa d’Eu, como assinava, sendo, todavia, mais reconhecida como a Princesa Isabel. Em 1884, ocasião dessa viagem, Isabel é a herdeira direta do trono, porém pouco popular e considerada, pelos seus detratores, inapta para suceder o pai. O momento de efervescência republicana pouco contribui para que consiga projetar (tanto em seu diário quanto na sua vida pública) uma imagem de segurança. Em diversas folhas soltas, Isabel relata sua viagem à província de São Paulo, com uma regularidade cartorial, obedecendo a um itinerário pré-estabelecido. Essa viagem, como uma outra, ao Rio Grande do

Sul, não escondia o seu subtexto político: a doença do Imperador, o recrudescimento do movimento de oposição ao regime monarquista, o movimento abolicionista, as pressões econômicas vindas de fora, a necessidade de assegurar aos grandes produtores rurais não somente mão de obra alternativa ao trabalho escravo mas também uma promessa de mercado consumidor interno cujo poder aquisitivo pudesse fazer escoar a produção. O quadro era, enfim, bastante complexo e sua administração parecia incompatível com a figura feminina de esposa apaixonada, mãe dedicada e filha dependente como Isabel era vista por muitos. A leitura atual de seu diário, contudo, revela uma veia crítica que sugere, talvez, um sujeito que se quer impor a despeito da opinião predominante sobre sua fraqueza e incapacidade. Infelizmente, o documento é bastante exíguo e pode somente ser lido à luz de outros documentos e textos que forneçam um panorama mais amplo do contexto onde se encontram e a que se referem tais anotações.

“Notas ligeiras”, “poder de síntese”, “valor descritivo” são alguns dos termos com os quais Ricardo Gumbleton Daunt descreve, no texto de apresentação, o diário da Princesa Isabel. Entrevê nos comentários da diarista sobre a província de São Paulo uma visão profética daquela que se tornaria a maior e mais importante cidade brasileira: “Eis agora o que penso de São Paulo, como cidade: situação magnífica e proporção para uma cidade esplêndida, alguns edifícios bonitos, mas em geral nenhuma arquitetura e muita linha torta” (Ibid., p.29). Segundo Daunt, o diário é um reflexo do que hoje se vê concretizado, das ideias e opiniões que se fizeram realidade. À parte o exagero, justificável por ser a publicação do diário de Dona Isabel uma iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, à época das comemorações do IV Centenário de Fundação da cidade, o diário realmente inventaria uma conjuntura sócio-econômica da região que não contradiz o avanço testemunhado já a partir do final do século XIX. Entretanto, essa leitura das informações sócio-econômicas e históricas contidas no diário já foi feita nos espaços para o quais tais informações têm valor inquestionável.

J. F. de Almeida Prado assim contextualiza o momento e as razões pelas quais Dona Isabel excursiona à então distante província – se não distante em quilometragem ao menos em dificuldades de transporte e condições das estradas:

Em 1884 visitava uma das províncias do Império a herdeira presuntiva da coroa. Posto distasse pouco da corte, as viagens ainda eram incômodas e cansativas. Certos indícios de inquietação nos arraiais políticos obrigavam a Princesa muito a contragosto a deixar os pais e partir com o esposo e filhos em excursão num trato do país, que desde alguns anos assumira capital importância. Descera El-Rei Café o vale do Paraíba e se encaminhava para o noroeste paulista de que se contavam maravilhas, responsáveis pelo arrojo de técnicos e trabalhadores, capitais e aventureiros, registrados naquela direção. O desbravamento imprimia intensa atividade a toda a zona contemplada por terras próprias para receber a rubiácea, benefício de que participava a sede da afortunada província (Ibid., p. 9).

O futuro promissor da região seria consequência da combinação dos grandes investimentos na agricultura com as ideias vindas com os ventos republicanos, cuja certeza era a de que, por conta da extensão quase continental do país e sua infindável riqueza natural, restava-nos somente o progresso e a superação de modelos decadentes. A imagem do Imperador servia quase que como uma alegoria do regime a que se contrapunham os ventos republicanos: cansado e doente após cinquenta anos no poder, abalado pelo diabetes, tinha como herdeira sua filha, Isabel, “tida [por seus adversários] por atrasada, reacionária, incapaz de resolver os maiores problemas de que dependia o nosso futuro” (Ibid., p.10). A imagem de seu marido não era melhor. Segundo o cronista carioca José Avelino Gurgel do Amaral, o Conde d’Eu teria se esforçado para conquistar uma imagem positiva junto ao povo brasileiro: projetos para regulamentar e aprimorar o exército brasileiro; criou escolas, orfanatos, bibliotecas, entre outras iniciativas de grande apelo social. Todavia, todos os esforços pareceram inúteis, pois

sua surdez, a sua incorreção nos trajes, a desordem de seus gestos, a frase gritada e travada de rr ásperos, a falta de esplendor de seus palácios, a ausência de ações grandiosas e brilhantes, certo tom pretensioso no modo de tratar com homens públicos, a sua posição, aliás natural, de conselheiro da princesa, recebida em todos os círculos como uma intervenção intrusa, eis aí verdadeiros óbices a qualquer tentativa de um terceiro reinado, mesmo no tempo da monarquia. Por todos estes motivos o Conde d’Eu jamais conseguiu ser brasileiro; foi sempre para todos – o francês... (Gurgel do Amaral, apud Ibid., p. 13).

A possibilidade de sobrevida da monarquia estaria nas mãos de duas figuras denegridas pela opinião pública, como demonstram as palavras do cronista carioca. Mesmo assim, foram a Princesa e o Conde em excursão com o objetivo, subliminar, de aquiescer os ânimos dos grandes proprietários rurais da região, com quem estava o poder econômico e para quem as pressões para a abolição da escravidão significavam mais um arrocho nas condições de produtividade do que

uma entrada na realidade econômica do final do século XIX. O resultado, contudo, não foi positivo. O destino da monarquia haveria de ser resolvido no Rio de Janeiro, entre civis e militares republicanos para quem o objetivo em comum era derrubar o trono e instaurar a república. O retrato que se pode esboçar da Princesa Isabel, através das cartas-diário, auxiliam na compreensão das relações mais íntimas entre a imagem que tinha de si e o que dela se pensava.

O historiador Roderick J. Barman, em seu misto de biografia e estudo sobre as questões de poder e gênero no Brasil oitocentista, contextualiza os primeiros movimentos em direção a uma discussão sobre a emancipação feminina, na Europa e na América do Norte, e aponta para a coincidência do fato de D. Isabel estar residindo na Europa no alvorecer dessa gradual quebra paradigmática de papéis. Embora não demonstrasse publicamente simpatia ou apoio aos ideais feministas, D. Isabel vivia com certa autonomia tanto em relação ao seu papel de esposa quanto ao de mãe. Enquanto isso, no Brasil, alguns passos se ensaiavam, como foi o caso da reforma do ensino, pelo decreto de 19 de abril de 1879, que assegurava o direito das mulheres de ingressar nos cursos universitários. Após retornar da Europa, em 1882, D. Isabel não modificou seus hábitos, o que contribuiu ainda mais para a consolidação de um modelo de autonomia feminina que se formava no interior da classe dominante. Esse fator, de acordo com Barman, pouco serviu para fortalecê-la contra as ainda incipientes críticas dos oponentes, no momento em que seu nome se firmava como a herdeira do trono.

A excursão relatada na carta-diário serviu também para quebrar a rotina do casal, um pouco distante da vida política nos anos seguintes à volta da Europa. Segundo Barman, “D. Isabel manteve um diário durante toda a excursão, de novembro de 1884 a março de 1885, para o exame de seus pais. As anotações dão uma boa ideia do caráter maduro da princesa” (BARMAN 2005, 234). Talvez a maturidade a que Barman se refere esteja no vigor das opiniões expressas por Isabel em seu diário – um vigor que contrastava com sua imagem de submissa aos pais, ao marido e à religião. Alguns exemplos dessas opiniões, que não deixam de fora críticas à própria instituição religiosa:

Dia 6 de Novembro 1884.

Visita à Igreja, bem bonita, sobretudo interiormente, a não ser um Santo que teriam feito melhor vestir, sendo de mármore e um baldaquim escarlate com uma armação de pau, que teriam feito melhor suprimir. As torres não me agradam muito, e não acho, à Igreja, um cunho bastante religioso. (Daund, op. cit., p.27).

.....
Dia 14 de Novembro de 1884.

Visita à Matriz da Conceição, que tem obras de talha maravilhosas (altar-mor e os outros altares e coro tudo de madeira parda, muito bem trabalhada e envernizada). Bem que o estilo da Igreja não seja dos que prefiro, agradou-me muito, e o seu todo é muito harmonioso, tanto por fora como por dentro. (Ibid., p.33)

Suas opiniões poderiam ser mesmo contrárias àquelas do pai: “Itu não nos causou a mesma impressão do que a Papai.”(Ibid., p.36). Ou, ainda, quando não resiste a uma crítica mais irônica:

Dia 21 de Novembro de 1884.

Com os meninos, tornei a sair, às 3 e meia, e visitamos uma grande fábrica de bonitos chapéus de pêlo de lebre e de castor.

Muito nos rimos, quando, indo ao armazém com os tais chapéus bonitos, vimos verdadeiros horrores de chapéus de palha, vindos da Europa, enfeitados de quanta cor disparatada, verdadeiros chapéus de macaco que dança nas ruas, e que são destinados à gente da roça! Ri-me, mas deplorei, ao mesmo tempo, que não se possa educar o gosto. Por ora, ao menos dizem que estes se vendem melhor que os de melhor gosto, e quem vende naturalmente quer ganhar, a menos de ter grande amor à arte e ao gosto (Ibid., p.39).

Assim, entre descrições de igrejas, relatos de visitas e encontros (além de críticas e opiniões diversas sobre temas variados), Isabel compõe o conjunto de escritos que chama de “carta-jornal”. A porção “carta” é auto-explicativa. Quanto à denominação de “jornal” é que resta a suposição de que Isabel esteja se referindo ao termo em francês e inglês para designar o diário, *journal*. Como a primeira entrada já deixa claro, Isabel pretende relatar através de seus escritos, além das informações práticas da viagem, também os acontecimentos menores do dia-a-dia, a saúde dos filhos e do marido, os momentos de lazer, as predileções artísticas, etc. Com a referência aos “tristes adeuses” Isabel insinua a inclusão de descrições subjetivas, no plano dos sentimentos, ao lado do teor oficial, que vem a ser o relatório da viagem. Ela demonstra, além disso, ter consciência do seu ato escriturário: sabe-se escrevendo um diário híbrido de carta - ou uma carta que se evoluirá em diário já que, como esses documentos se encontram em seu arquivo, em vez de no arquivo de seus pais, como correspondências recebidas:

Não tenho tempo para pôr tudo isto a limpo, que escrevi agora, às pressas. Já vimos muitas pessoas conhecidas, que me falaram de meus bons Pais, a quem abraçamos tão saudosamente.

Todos com muito boa saúde. Tomem esta **carta-jornal** para ambos.

Sua filhinha que tanto os ama

Isabel, Condessa d'Eu. (Ibid., p.29)

Essa entrada evidencia um processo de escritura: primeiro, um rascunho do relato; em seguida, sua reescritura em forma de carta. Assim, parece haver um movimento em sentido contrário à hipótese aludida anteriormente, qual seja, a de que seria o diário um gênero evoluído do discurso epistolar. Nos escritos de Isabel, como esse comentário deixa entrever, o diário seria a matriz da qual surgiria a carta, e isso talvez explique a permanência e classificação desses escritos como diário – em vez de cartas ou de anotações diversas. A permanência, contudo, de traços característicos do discurso epistolar vão surgindo aos poucos, a princípio de forma sutil, e em seguida de forma explícita, na versão publicada do diário. O primeiro exemplo, inevitavelmente longo, aparece já na entrada do segundo dia do diário, após uma minuciosa descrição das atividades do dia:

Dia 6 de Novembro 1884.

Visita à Igreja, bem bonita, sobretudo interiormente, a não ser um Santo que teriam feito melhor vestir, sendo de mármore e um baldaquim escarlate com uma armação de pau, que teriam feito melhor suprimir. As torres não me agradam muito, e não acho, à Igreja, um cunho bastante religioso.

Visita ao Engenho Central, muito interessante. O Pedro seguiu todo o processo, com o maior interesse.

Visita à grande gameleira.

Partida às 11 horas. Parada em Guaratinguetá, parada para subir a Capela de Nossa Senhora de Aparecida, fazer oração; parada em Pindamonhangaba e em Taubaté. Acolhimento muito amigável e simpático por toda parte. Parada em alguns outros lugares.

Passagem pelos Campos de Mogi das Cruzes, belos, belos como um belo andante de Beethoven. Olhe que é dizer muito para mim, e com efeito são incomparáveis.

Chegada a São Paulo, às 5 horas e meia. Muita gente, na Estação, apesar da chuva de pedra, que tinha desabado sobre a cidade, mas de que nós não sofremos nada em caminho.

Hospedagem em casa dos excelentes Tres Rios. **A Condessa, sabendo que ia escrever-lhes, me pediu muito que lhes desse muitas recomendações da parte dela.** Casa magnífica, arranjada com muito gosto, cravos a valer e lindos, begônias magníficas, cama macia, um bom piano, que fiz vir da casa Levy (no dia 7); mas que saudades de tudo o que deixei por lá! (Ibid., p.27)

Isabel dirige-se aos destinatários de sua “carta-jornal”, seus pais, dessa forma direta em meio a uma entrada tipicamente diarística. Mais uma evidência do diário como matriz da carta, já que nessa entrada não constam ainda os

elementos típicos do discurso epistolar (as fórmulas de abertura e fechamento, ou a convenção de aposição do “local e data”, por exemplo). Esse gesto quase involuntário de dirigir-se aos seus destinatários – ou interlocutores – torna-se mais sistemático e explícito, como quando dos encerramentos das entradas em formato de carta, já mencionados anteriormente. O mesmo gesto se repete em:

Dia 12 de Novembro de 1884.

(...) Fomos hospedados pelo Barão de Serra Negra, que me falou muito em meus pais, e aí vimos vários de seus filhos e dos filhos da boa Marquesa de Valença. (Ibid., p.32)

Dia 13 de Novembro de 1884.

(...) Visita à Câmara Municipal [de Itu], onde vimos seu autógrafo de veozinho (sic) (em nota, ao final da edição, é assim explicada essa frase: "Vi o seu autógrafo de veozinho" - esta última palavra ininteligível - segundo informa o copiador do Diário de Viagem da Princesa Isabel; o autor destas Notas Elucidativas, supõe ser "versinho", referindo-se ao mote proposto pelo Imperador D. Pedro II aos cultores de poesia, quando visitou Itu, em 1846. Ei-lo:

O sincero acolhimento
Do fiel povo ituano
Gravado fica no peito
Do seu grato soberano (Ibid., p.76-77)

(...) Ao almoço recebi suas boas cartas, e a fotografia de Mamãe, e da lição de rabeca, as cartas da Europa, as leituras. Muito obrigada por tudo. Fez-me ir água à boca e muitas saudades, a descrição do Concerto de Beethoven.

O Conde de Três Rios agradece-lhes muito suas lembranças, se recomenda muito a meus Pais, e pede-lhes que venham ver a Santa Casa da Misericórdia de São Paulo. É uma excelente criatura, assim como a Condessa, que ficou em São Paulo. (Ibid., p.34)

Dia 15 de Novembro de 1884.

(...) Visita à Fazenda, que o Conde me diz estar ainda muito melhor, do que quando meus Pais a viram. (Ibid., p.35).

Dia 18 de Novembro de 1884.

Durante o almoço, recebemos suas boas cartas de 15. Itu não nos causou a mesma impressão do que a Papai. Tivemos muito bom tempo, uma recepção muito entusiasta e amigável, e os meninos e meninas dos dois colégios principais jesuítas e irmãs muito contentes e alegres se mostravam(...). A pesca do Couto de Magalhães, a quem dei as lembranças de Papai, ontem, que ele muito agradeceu, ficou mudada de hoje para quinta, por causa do tempo, que aliás não está mau, mas ontem à noite chuviscava. (Ibid., p.36)

Da viagem seguinte, ao sul, realizada em 1885, também resulta uma produção textual da mesma natureza da anterior. Escritos que se aparentam como cartas, mas que deslizam para uma dicção diarística além de, naturalmente, serem hoje classificados como diário, e não como cartas. Todo o contexto se repete, pois

se trata uma vez mais de uma viagem oficial, com marido e filhos, iniciada em 2 de Janeiro de 1885. Nos documentos, Isabel relata detalhes da viagem, suas numerosas visitas a hospitais, creches e igrejas, os jantares, etc. O que diferencia esse conjunto de texto do anterior – pelo menos do ponto de vista do efeito causado na leitura – é a forma como se apresentam. O primeiro “diário”, lido em sua forma de publicação, minimiza os traços que permitem perceber o processo “evolutivo” dos escritos de Isabel, inicialmente como cartas destinadas aos pais (e nesse sentido não seria supérflua uma análise não somente de sua relação tão próxima com eles mas também de suas expectativas em provar-lhes que era capaz de assumir um possível terceiro reinado). Na leitura e exame das folhas soltas que constituem esse segundo diário de Isabel, conservados no Arquivo Histórico do Museu Imperial, em Petrópolis, as características dessa hibridização se mostram mais dramáticas na forma como Isabel encerra as entradas do diário, ou seja, em forma de fechamento ou conclusão de um texto epistolar: "Aceitem ambos o abraço (...) de ambos e deixem sua benção (...) sua filhinha que tanto os ama, Isabel Cristina". Esse exemplo, deslocado do seu contexto, não deixaria dúvidas quanto a ser o encerramento de uma carta, não estivesse ele figurando ao final de uma entrada do diário de viagem.

A classificação desses escritos como diário não é, como poderia parecer, uma atitude arbitrária. É no próprio texto que se acham as indicações de que Isabel escrevia um diário, como resultado de uma exigência (se não oficial, pelo menos alimentada pela sua eterna dependência e completa admiração pelo pai) institucional. No dia 12 de Janeiro 1885, Isabel se refere aos seus escritos como um "diário": "Creio que no meu diário não mencionei minha visita à Beneficência Portuguesa, bom hospital e bem cuidado." Aqui, estaria dialogando, em princípio, com o destinatário de suas cartas. Então, por que se refere aos escritos como diário? Isabel sabe que o fato de não poder enviar as “cartas” imediatamente após redigi-las opera alguma transformação na natureza epistolar dos escritos. Talvez, o tempo suspenso entre redação e envio funcione como um período de incubação, em que as cartas se transformam, aos poucos, em diário. Mas onde estaria a lógica dessa transformação? Cartas não enviadas não se transformam necessariamente em diários. Estes, por outro lado, quando escritos visando um leitor ou leitores determinados não deixam de ser diário para se transmutar em carta. A lógica,

portanto, dessa transformação ou evolução operada nos escritos de Isabel está mesmo em aspectos intrínsecos da produção textual – e não nas condições contextuais de sua transmissão ou recepção.

No geral, essas anotações de Isabel seguem o mesmo esquema daquelas referentes à visita a São Paulo. Ela pouco se distancia do registro objetivo das atividades feitas, dos locais visitados e das pessoas encontradas. Em alguns momentos, deixa escapar um pouco de opinião pessoal, mas de forma bastante inofensiva. Escreve em folhas soltas, como se fossem mesmo cartas, e as dobra em quatro, oito ou dezesseis "páginas". São recorrentes os pós-escritos. Ela sempre encerra a "carta" para, em seguida, complementá-la com mais alguma informação ou comentário. A viagem prossegue até Março de 1885, quando chega a Santos. Viagem feita com Gaston, o marido, Luis e Pedro, seus filhos¹.

4. 2. Notas sobre o horror - o diário do Dr. Filipe Maria Wolff

Em 1974, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná (IHGEP) publica, em forma de separata de seu boletim, o diário do médico alemão Filipe Maria Wolff, testemunha ocular e também personagem de um evento histórico sangrento durante a transição entre a monarquia e a república, a Revolta Federalista. Na introdução, Francisco Brito de Lacerda explica que "o diário do Dr. Filipe Maria Wolff, pela sua autenticidade, é um documento importante para quem queira conhecer a história do Cerco da Lapa" (WOLFF 1974, 7). Não somente sobre o cerco da Lapa, como ficou conhecido o período de 26 dias em que a cidade resistiu ao avanço das tropas federalistas, mas também sobre a história da cidade de São Bento, aonde Dr. Wolff chegou, em 1877, estabelecendo o primeiro consultório médico da cidade. Ele é responsável também pela primeira farmácia, um pequeno hospital e uma tipografia. Foi prefeito nomeado da cidade, além de delegado de polícia e militante político engajado. A introdução ao seu diário publicado explica ainda que Dr. Wolff não se casou, embora tenha tido duas filhas, Helena e Toni.

¹ As cartas-diário de Princesa Isabel se encontram no Arquivo Histórico do Museu Imperial, em Petrópolis (xli - 73 1885 docs: 02).

A Revolta Federalista (1893-1895), que dividiu os interesses políticos entre os Federalistas, sediados no Rio Grande do Sul, a princípio, e o exército “florianista”, que evidentemente protegia os interesses republicanos, teve talvez sua face mais sangrenta no evento narrado no diário de Dr. Wolff. Durante vinte e seis dias, de 17 de janeiro a 10 de fevereiro de 1894, sob o comando do general Ernesto Gomes Carneiro, os florianistas conseguiram evitar o avanço dos rebeldes federalistas, permitindo ao Governo tempo hábil para enviar mais tropas e debelar a revolta. A memória do que ocorreu em Lapa durante os dias de resistência poderia se esvanecer pouco a pouco não fosse o relato contido no diário de Dr. Wolff. Seu diário, depositado no arquivo da Universidade Federal de Santa Catarina, foi escrito em alemão, sendo posteriormente traduzido para o português pelo também médico alemão Dr. Godofredo Luce. Este, suspeito de envolvimento com o nazismo, esteve preso em Joinville, em 1944 e, segundo Francisco Brito de Lacerda, teria sido durante sua prisão, como forma de passatempo, que o médico teria traduzido o diário. Não há, contudo, uma explicação sobre como Dr. Luce teve acesso ao manuscrito do diário de Dr. Wolff. Lacerda apenas declara ter obtido uma cópia da tradução que se encontra atualmente no Museu Coronel David Carneiro. De posse das cópias dessa tradução, trabalhou na preparação do material para publicação, que ocorreu em 1974. O português “arresado, cheio de erros de grafia e concordância” representou um obstáculo para Lacerda, que declara ter tido que “reescrever o diário, extirpando a parte desnecessária, mas conservando, com absoluta fidelidade, a essência do pensamento do Dr. Wolff” (Ibid., p.7). De acordo com a tradução existente, o diário teria sido iniciado em 31 de outubro de 1893, mas será somente o período de 18 de Novembro de 1893 a 8 de Março de 1894 que merecerá a atenção de Lacerda. O período inicial é resumido, para que a sequência, a partir do dia 19 de Novembro, faça sentido. Para Lacerda, o período não transcrito não oferece maior interesse histórico. Torna-se evidente, todavia, que a prática de manutenção de um diário era, para o Dr. Wolff, mais do que um relato da guerra. Pela forma e pelo conteúdo de suas entradas, pode-se supor que tenha havido um ou vários cadernos anteriores a esse. Como o próprio Lacerda explicita, o caderno que foi preservado o foi somente pelo seu valor de testemunho histórico.

As entradas iniciais reportam os deslocamentos de Dr. Wolff, de uma cidade a outra (de São Bento para Rio Preto, e daí para Lapa), para auxiliar nas enfermarias repletas de feridos. Entretanto, nelas há um toque pessoal: Wolff preocupa-se constantemente com as filhas, que permaneceram em São Bento e de onde vêm boatos de pilhagens e degolas de resistentes aos avanços federalistas. As preocupações são também de outra ordem, somáticas, pois encontram-se também em seu corpo, na sua saúde tanto física quanto emocional:

“(…) Só à noite chego à casa velha destinada ao hospital de emergência. Tenho a roupa do corpo (minha arca ficou no carro) e passo uma noite terrível, numa esteira, sem cobertas. Sinto frio e prefiro me levantar e andar sob o luar claro.” (Ibid., p.11)

Wolff registra o movimento das tropas, as ações militares, com detalhes como quantidade de tiros, tipo de armamentos e balanço dos mortos e feridos. Seu interesse pelas estratégias militares é grande. Como também é aguçado o seu senso crítico em relação aos erros estratégicos cometidos pelo seu próprio exército. Quando finalmente recebe instruções para dirigir-se à Lapa, Wolff descreve rapidamente a situação de resistência da cidade, somando a essa descrição mais uma preocupação de ordem pessoal:

Às três horas da tarde, levantamos acampamento em direção à Lapa. A cidade conta com cerca de mil e duzentos homens. O hospital instala-se na casa de Cristiano Schutter, vis-a-vis com o Quartel-General. Boatos de São Bento rezam que lá foram praticados muitos assaltos e que minha casa teria sido saqueada. Imagine-se a minha inquietação por causa de minhas filhas! (Ibid., p.14).

Em seu diário cabe também a anotação sobre o dia vazio, como na entrada de 29 de Novembro de 1893: “Nada de novo. Enjoa-se terrivelmente nesta cidadezinha.” (Ibid., p.15). A ausência de eventos não duraria muito e, em seguida a essa entrada, várias outras relatam os avanços das tropas federalistas e o aumento de feridos a que Dr. Wolff tem de prestar assistência. Em diversos momentos o médico revela encontrar-se em estado de apatia, a ponto de nem mesmo sentir saudades do lar. Esses sentimentos ocorrem no período entre as festividades de Natal e de Ano Novo. Entretanto, mais adiante, Wolff começará a operar uma transformação inconsciente em seu diário, estabelecendo suas filhas como destinatárias de seus escritos: “6 de Janeiro, sábado. Já não tenho aquela violenta opressão e arrojo da alma em direção ao lar. Estou propenso à

indiferença. ‘A opressão só volta quando penso em vocês. A saudade é a mesma.’” (Ibid., p.22)

O tom do seu diário muda completamente a partir desse pequeno registro epifânico. É o próprio Wolff quem tenta compreender o que se passa em seu íntimo. E a forma como aborda essas instabilidades emocionais é bastante peculiar: ainda que essas entradas possuam o tom de uma autoconfissão, a recorrência de sentenças conativas, compreendendo suas filhas como interlocutoras nesse diálogo, e de sentenças interrogativas, denuncia o estabelecimento do diálogo à medida que o diálogo real se torna cada vez menos provável. E essa improbabilidade do diálogo real liga seu discurso diarístico a uma natureza originariamente epistolar:

7 de Janeiro, domingo.

O que isto significa? Depois do combate espiritual, da dor profunda e da saudade, de repente esta calma! Isto vem acontecendo desde o fim dos feriados. Durante os feriados, uma angústia tomou conta de mim. A partir do Ano Novo, a aflição foi se arrefecendo cada vez mais. Surpreendo-me comigo mesmo e o sofrimento, agora, é só por causa da mudança de ambiente. Coisa singular! Não tenho mais medo e nem a saudade é profunda. “Gostaria de te rever, Toni. Gostaria de saber como estás passando. Desejo que passes bem e que nada de ruim te aconteça. Tudo me parece tão alheio, tão diferente!” Oito horas da noite: agora vou ver o enfadonho Teodoro de Mello na casa de Joaquim Lacerda. Dormirei lá. (loc. cit.)

O que se pode inferir desta entrada em relação à hibridização dos discursos não é ainda a transmutação, digamos, direta, mas um estágio dela. Aqui, Wolff deixa claro o contexto de enunciação e deixa entrever, também, talvez um momento de enunciação de um discurso epistolar, que pode ter sido absorvido pelo discurso diarístico. Ou, simplesmente, tenha experimentado o desejo de redigir uma carta no momento mesmo em que redigia a entrada do diário. A utilização das aspas, nesses primeiros momentos de estabelecimento de diálogo com os interlocutores, tendo sido originalmente um recurso do Dr. Wolff pode servir de evidência de uma transcrição, no diário, de uma carta redigida ou uma pista de uma intenção dele em ressaltar, no discurso diarístico, o que seria um fragmento de um discurso epistolar – como fruto do conhecimento involuntário da distinção mais básica entre os dois tipos de discurso.

Wolff prossegue com várias referências diretas a um interlocutor, que se presume seja sua filha Toni, a mais nova e ainda solteira à época do relato:

São cinco horas da manhã. Estou em casa de Joaquim Lacerda. Dormi pouco. Pensei muito em ti, com um sentimento vivo e íntimo. (...) Meus caros filhos, não desejo que vocês passem por miséria igual. Desprezo o luxo, as honrarias, os galões de ouro. Isso não esconde a miséria interior. (Ibid., p.23)

O que se lê em seguida e até o final do curto diário, são relatos das condições insuficientes e desumanas que Dr. Wolff tivera que enfrentar para salvar vidas, relatos dos horrores da guerra que chegava mesmo a ameaçar sua vida e, por fim, sua própria condição de saúde que se vai deteriorando aos poucos ao longo desse período. Quando finalmente o movimento de resistência termina, Dr. Wolff se encontra bastante doente e fragilizado, ansioso para retornar à casa. Em suas últimas entradas, menciona ter enviado carta aos “queridos familiares”. O tom das entradas já não é mais o de diálogo impossível, apenas o registro factual dos desdobramentos da batalha e da retomada da ordem, ao lado, sim, de suas numerosas queixas em relação ao seu estado de saúde.

Dos dois exemplos utilizados para examinar essas questões de referencialidade e de destinação a partir dos traços hereditários entre cartas e diários, ou formas híbridas de cartas e diários, depreendem-se compreensões distintas: o diário de Isabel, repleto de descrições e, mais importante ainda, relato sucinto das atividades realizadas e das pessoas encontradas, se quer uma narrativa que simultaneamente compartilha o universo referencial com seu leitor, mas também descerra o véu que encobre aquilo que o destinatário não pode ver. Para Isabel, mais urgente do que reportar aquilo que vê e faz durante suas viagens, parece ser a necessidade de imprimir a “maneira como” vê e faz tudo aquilo que registra em seu diário-carta. Talvez, por isso, a carta se transmute em diário, por ter, no fim das contas, uma dicção muito mais próxima àquela do autoconhecimento ou da auto-afirmação do que a do simples relatório de atividades. Essa inevitabilidade do subjetivo é a responsável por traços que definem o diário como uma escrita subjetiva, ainda que voluntariamente decidida a narrar uma realidade objetiva e impessoal (em alguns casos, naturalmente!).

4.3. O diário de V. – uma longa carta ou um diário destinado?

Tão logo decidi pelo estudo de diários pessoais, ao mencionar tal fato em rodas de conversas, os mais diversos amigos e interlocutores expressavam seu interesse e curiosidade pelo tema. Alguns não compreendiam como diários (escritos tão ordinários) poderiam ser merecedores do tempo e do esforço de um pesquisador de literatura. Outros exibiam um brilho invejoso no olhar, como se, através de meus estudos, eu pudesse ter acesso a segredos há muito preservados pela contundente imagem do diário como repositório dos mais íntimos pensamentos e revelações. Outros me confessavam ter eles também guardado um diário de adolescente, ou ainda manterem um diário... e, por fim, alguns muito poucos diziam poder disponibilizar algum diário de um parente já falecido, preservado pela família. Desses últimos, apenas uma pessoa efetivamente esforçou-se para permitir-me acesso ao diário mantido pela avó de seu marido, ao longo de vinte e tantos anos. Confiou-me dois cadernos manuscritos, cujas páginas amareladas pelo tempo continham, a princípio, uma caligrafia regular, bem desenhada, mas que ao longo das páginas e dos anos revelava pequenas oscilações – de humores, de emoções, da força do traço que rabiscava a página. O conhecimento que possuía da diarista era bem pouco e preferi não inquirir sobre histórias a respeito dela. Queria conhecê-la através de sua própria narrativa. Queria ser capaz de visualizá-la calcado nas descrições feitas com suas próprias palavras. Assistir em minha mente a sucessão de anos e de eventos narrados por ela.

Durante muitos meses, inexplicavelmente, não conseguia aproximar-me daqueles dois cadernos. Não poderia justificar a dificuldade em ler a caligrafia da diarista, pois sua letra clara e extremamente legível não representava algum obstáculo. Seu domínio da língua, tampouco. Um português correto, um vocabulário variado, frutos de sua boa educação e de sua profissão (que vim a conhecer através da leitura do diário: advogada). Percebi, com o tempo, que o que me mantinha distante dos cadernos era exatamente a razão pela qual havia decidido estudar diários: sua leitura não me permitia distanciar-me do texto, ou nele submergir, como fazemos na leitura de um texto ficcional. Sabia tratar-se de um documento pessoal, cuja leitura o autor não me havia confiado diretamente.

Entraria em seu universo, de certa forma, como um leitor desautorizado. Um invasor daquela sua história.

Vencidas as primeiras dificuldades, li os dois cadernos não sem ter experimentado sentimentos variados. Ora interesse, ora repulsa. Muitas vezes, irritação e tédio. Sempre que tais sentimentos surgiam, evitava a posição neutra... permitia-me sentir aquilo que a leitura produzia em mim. E por que tal postura, uma vez que me propus a estudar escritos pessoais, a lidar com o registro quase diário de insignificâncias, com as revelações de egoísmo, com os sonhos mesquinhos ou os desabafos patéticos dos homens e mulheres ordinários? Por algum tempo, ao longo da pesquisa, eu me fazia a mesma pergunta. A resposta é, hoje, para mim, simples. O efeito da leitura de diários, em certo sentido, é um efeito similar ao da leitura de um texto de ficção. Se ao ler um romance construo com ele seu próprio sentido é porque aceito o pacto firmado antes da leitura: suspendo a descrença e visualizo o que o texto descreve, reajo ao que ele propõe, saio da leitura o mesmo diferido e, se voltar a ler o mesmo texto, não seremos mais – eu e o texto – iguais. Ao ler um diário, e pela sua natureza alusiva e pessoal, sou forçado a preencher lacunas, a conectar os pontos e produzir sentidos. Tenho que suspender um outro tipo de descrença: cada entrada do diário se propõe a revelar seu diarista, ainda que através da ocultação e da objetividade do relato. Mais importante ainda nessa similitude entre a leitura de um romance e a de um diário é a reação ao texto: não posso lê-lo indiferentemente, como se a vivência nele contida não me modificasse enquanto pessoa. Portanto, penso ter compreendido os constrangimentos iniciais.

O diário de V., composto de dois cadernos, cobre o período de 8 de março de 1935 a 1 de janeiro de 1953. Não sei ao certo se houve outros cadernos após o segundo, mas encontro na primeira entrada do primeiro caderno uma alusão a outras tentativas de manutenção de um diário:

Por várias vezes, em cadernetas rabiscadas a lápis, eu deixei gravados trechos de minha existência. Depois eu mesma atirei ao fogo essas ‘pobres memórias’ e a chama as devorou com gosto. Talvez que este diário iniciado hoje fique inacabado, como inacabados estão quase todos os meus trabalhos. (8 de março de 1935).

Pelo período coberto pelos dois cadernos, arrisco dizer que V. estabeleceu uma relação mais comprometida com o diário, mais do que diz ter tido no

passado. Aos vinte anos, vive com o pai, em uma cidade do interior. Seu diário serve-lhe para registro dos seus sentimentos, dos seus sonhos, de suas decepções. Extremamente carregado de tonalidades românticas, V. imprime em seu diário uma dicção que talvez encontre em suas leituras: muitos poemas, M. Maryam, literatura religiosa, etc. O retrato que esboça de si é o de uma jovem mulher ansiando encontrar o amor de sua vida. O casamento parece ser o objetivo máximo, representando um ápice na experiência amorosa. Seu diário lida com estas questões interiores que surgem sempre que a vida não segue o rumo esperado por V.: decepções e tristezas provocadas por fatores exteriores, mas também ondas de pessimismo e de melancolia que nem V. consegue explicar o motivo. Seu diário, portanto, é uma crônica de sua vida emocional e nele não há uma abertura de olhar que possibilite ao leitor apreender um relato de contextos históricos, de fatos exteriores ao pequeno círculo de amigos e parentes – nem mesmo a vida de sua comunidade é descrita em seu diário, seu universo resume-se ao seu lar e aos amigos e parentes bem próximos. Para V., manter um diário é assumir um compromisso, e isso ela deixa bem claro na segunda entrada do diário:

Procurei num velho dicionário ilustrado a significação exata de diário e o resultado foi o seguinte: diário: o que se faz ou sucede todos os dias.

Escrever pois um diário é anotar com precisão e método o que se faz ou sucede todos os dias.

No entretanto (sic) eu não procederei assim com relação ao meu diário, porque se eu viesse todos os dias rabiscar nessas páginas em branco as ocupações costumeiras de minha vida, certo é que o caderno ficaria pelo meio.

É preciso que a gente se iluda a si mesma e povoe com um pouco de sonho a banalidade dos dias que vêm e passam...

E escrever um diário é ser sincera.

E assim pois ficarão gravadas apenas as impressões felizes dos momentos de alegria, a revolta inútil das horas de tédio e abandono e as amargas reflexões do sofrimento. Ficarão nessas páginas, completas ou inacabadas, para eu as ler mais tarde numa saudade inútil do tempo já passado ou para as atirar ao fogo como coisa velha e sem valor. (9 de março de 1935).

É interessante notar como V. estabelece sua relação com a prática da escrita diarística. Em uma só entrada, ela define o que merece ou não ser escrito. Fornece uma explicação para sua escolha, e também oferece uma explanação do que seria e do que ela considera que venha a ser o seu diário. Embora, a princípio, a diarista utilize sua prática de escrita pessoal para refugiar-se do mundo exterior, não se pode afirmar que haja, em seu diário, confissões e revelações que não poderiam

ser verbalizadas a não ser através deste meio. V. não parece ter tido muitos amigos confidentes, quando jovem. E mesmo aos poucos com quem se abre, sonega informações, algumas delas depositadas no diário, porém não todas. Tais informações têm mais a ver com sua oscilação de estados de alma do que com atos que tenha cometido. Em seu diário, nota-se a mesma tendência confessional – talvez de inspiração católica – em revelar um ato ou um pensamento vil com a intenção de atrair o perdão: Santo Agostinho dirige suas confissões a Deus, Rousseau revela suas torpezas quase com orgulho. Poderia V. estar, por seu turno, confidenciando ao seu diário alguns pensamentos mais negativos com a estrita finalidade de obter perdão? Extremamente religiosa, anota em seu diário as vezes, com grande frequência, em que se confessa com o padre, embora não faça menção ao teor das confissões.

A leitura do primeiro caderno, que compreende o período de 8 de março de 1935 a 8 de janeiro de 1937 mostra uma jovem mulher bastante dividida entre seus desejos e sonhos e a forte presença de uma moral religiosa. V. ama exageradamente e somente imagina sua felicidade futura vinculada a um casamento por amor. Pouco fala sobre seus projetos profissionais, embora regularmente faça referência aos estudos que deve fazer, aos exames que vem a prestar no Rio de Janeiro, mas jamais deixa entrever uma convicção em sua escolha profissional ou qualquer outro pensamento voltado ao futuro em relação à profissão. De início, ao relatar uma conversa que teve com uma amiga próxima, a diarista oferece uma informação sobre a função de seu diário:

(...) Conversando com L. sobre tudo isso, ela me aconselhou a repreender. Disse-me que não me devo externar com pessoa alguma sobre meus sentimentos. Que é preciso refletir antes de falar, porque geralmente a gente se arrepende do que disse na hora da cólera. Esforçar-me-ei para seguir estas advertências. São prudentes e razoáveis. (22 de abril de 1935).

O diário de V., nesse primeiro caderno, pelo menos, funciona como um interlocutor, a quem V. se preocupa em oferecer uma imagem de si-mesma condizente com sua fervorosa crença católica e suas rigorosas prescrições morais e éticas, além de estabelecer esse diálogo improvável ou desaconselhável com um outro real. Seu diário será também o local onde reafirma, a todo o momento, sua resolução ética: V. insiste em afirmar que deseja ser uma boa pessoa, temente a Deus, justa com o próximo. Em termos de recorrência temática, no primeiro

caderno do diário, essa resolução ou afirmação do desejo de ser uma boa pessoa é tão constante quanto o seu desejo de ser feliz: “(...) Ontem em minha comunhão pedi muito a N. Senhora da Aparecida que tomasse conta de meu destino guiando-o, pelo caminho do dever, à felicidade.” (loc. cit.). V. está sempre reafirmando que quer ser feliz e, por um tempo, a felicidade se encontrará no projeto de casamento. O primeiro caderno de seu diário será, então, o espaço em que relata suas expectativas amorosas, suas desventuras e sofrimentos causados por seu namorado ou pelo próprio temperamento de V. Em vários momentos, V. irá se dirigir ao diário como seu interlocutor, em outros momentos, elegerá seu namorado como o pseudodestinatário de seus escritos pessoais (ainda que não seja provável que ele, com quem vem a se casar e viver até sua morte, tenha lido o diário).

Ao final do caderno, após tantas oscilações em seus sentimentos e suas emoções, após revelações depressivas e pessimistas, V. alcança o momento em que precisa fazer a transição em sua prática de escrita: com seu noivado, pensa estar encerrando um ciclo, que precisa ser recomeçado em um novo caderno, com uma nova proposta de escritura:

A página branca, onde minha pena corre ligeira, escrevendo a história da minha felicidade, é a imagem da vida que hoje, sob a benção divina, comecei... E, ainda, com a benção de Deus, eu quero vivê-la nobre e dignamente!

Uma página branca e linda que eu virei, devagarinho, coração pulsando de felicidade... No livro da Vida ela é de doçura e suavidade... Páginas que é vida, vida que viveremos juntos, meu noivo querido! Como é terno chamá-lo assim!

(...) A página de hoje é, certamente, a mais luminosa! Luminosa porque: é a realização feliz dos sonhos que sonhamos juntos, é a caminhada segura para um futuro risonho, o direito de sermos “tudo” um para o outro, é a alegria, é a paz, é a felicidade!... Neste caderno que é seu, feito para você quando ainda se levantavam diante de nós, entre nós dois a barreira difícil do nosso orgulho, caderno onde, confiantemente eu chorei o meu desconforto e cantei a minha alegria, ela – essa página de mística e serena felicidade – ficará perfumando o passado amargo – as outras páginas de desconfiança e pessimismo – e o futuro misterioso – páginas que escreverei sob a carícia de seus olhos azuis – qual uma flor esquecida a exalar seu aroma... (8 de janeiro de 1937).

V. deixa algumas páginas em branco, nesse caderno, tendo-o por concluído no momento preciso da oficialização de seu noivado. A interrupção do diário às vésperas do casamento ou imediatamente ao encontrar alguém que seja considerado o amor de uma vida é comum na prática da escrita diarística. V., entretanto, continuará a manter seu diário, embora sob outro pacto: sua proposta de escrita será a de escrever uma história de sua vida com seu noivo/marido. Seu

segundo caderno, feito sob encomenda para V., traz na capa um título, *A nossa história*, e os nomes reais de V. e de seu noivo. Na primeira página, uma breve biografia de um parágrafo para cada um, com a data de nascimento, local e filiação. O que seriam as primeiras entradas do diário, nesse caderno, são, na verdade, um retrospecto do encontro dos dois. V. reescreve entradas do diário referentes a datas compreendidas no período de 3 de dezembro de 1933 a 20 de julho de 1935 (portanto um período anterior ao contido no primeiro caderno, revelando que, ou “inventou” tais entradas ou as teria guardado, apesar de ter destruído cadernos mantidos anteriormente ao primeiro caderno oficial). É interessante perceber que as entradas desse segundo caderno, cujas datas correspondem período descrito no primeiro caderno, não estão presentes no primeiro. Ou seja, V. reconstituiu os dias que considerou importantes para configurar sua história. Isso demonstra o caráter mais “oficial” desse segundo caderno e sua finalidade de ser dado a ler ao outro.

Uma primeira impressão ao ler o segundo caderno do diário de V. foi a de que a diarista estivesse tentando fazer uma transição entre a manutenção de um diário para a escrituração de um livro de assento. Ainda que nesse estilo de escrita pessoal geralmente não caibam excessos estilísticos ou derramamentos emocionais, apenas anotações breves e objetivas dos eventos familiares, V. parecia estar querendo registrar, dessa vez, mais do que o turbilhão de emoções que vivenciava na solidão de seu quarto, local privado e solitário onde escreveu todo o primeiro caderno. Assim, as entradas do segundo caderno relatam as viagens feitas com o então marido, as celebrações de natal, ano novo e aniversários, seu envolvimento com a rotina da paróquia à qual pertencia, entre outras atividades sociais e familiares.

As entradas começam a ficar mais espaçadas, e mesmo ocorrências que antes teriam destaque, passam a ser incorporadas na narrativa sem maiores relevâncias. V. engravida, seu pai adoece, o tempo passa e ela retorna ao seu diário com menos frequência do que antes. Mesmo o nascimento de seu filho só é registrado dois meses depois:

(...) No aconchego do nosso lar, no seu lindo carrinho, presente carinhoso dos seus vovôs paternos, dorme o nosso filho. Fazem (sic) hoje dois meses e sete dias que ele chegou à nossa vida trazendo na graça frágil de sua pessoazinha uma porção de felicidade aos nossos corações. (14 de fevereiro de 1940).

A mudança ocorrida em sua vida, a partir do nascimento dos filhos – V. dá a luz a mais um menino –, altera drasticamente o tom de suas entradas no diário. Não há mais espaço para os derramamentos emocionais de antes, as entradas se tornam mais concentradas, contendo relatos de fatos e temas que ocorreram em períodos de tempo mais longos, meses, normalmente. A entrada seguinte à que fala do recém-nascido comemora já seu oitavo mês de vida. V. justifica sua ausência no diário:

Já bastante dias que não vinha escrever aqui. O tempo foge ligeiro, sempre preenchido de inúmeras ocupações. Graças a Deus temos levado uma existência socegada (sic) e boa. F. é saudável e esperto. Cada dia obtém novos progressos. Vai atravessando, sem transtornos, o primeiro aninho de vida. (13 de novembro de 1940).

As ausências serão mais e mais frequentes, embora não possam configurar um abandono da prática. O estado de saúde dos filhos, do pai, as celebrações de cada aniversário de casamento, a vida profissional do marido, as viagens ao Rio de Janeiro, enfim, tudo passa pelo diário de V. Surpreende, também, em entrada em que finalmente assimila ao seu diário acontecimentos históricos:

Pelo rádio ouvimos constantemente noticiário da guerra, essa guerra tremenda que já ensanguenta o mundo há quase quatro anos, desencadeada pela ambição diabólica de um louco que arrasta atrás de si uma nação louca, desumana e orgulhosa, “a vil alemanha”. [minúscula, no original] Na voragem terrível fomos tragados... Pobre Brasil! Pacífico, feliz, despreocupado! Já centenas e centenas de vidas, de preciosas vidas brasileiras foram perdidas, roubadas pela sanha desses corsários, desses “valentes” destruidores de velhos, mulheres e crianças, de cidades abertas e barcos indefesos... Covardes! Imundos! Miseráveis!

Estou profundamente angustiada e triste, mas confiante em Deus que muito breve dará novamente ao mundo sofredor, na glória de uma esplêndida vitória à causa dos aliados, sua bendita paz! Mas enquanto na negrura dessas trevas não se presente o brilho radioso de uma alvorada de felicidade, saberei, como todos brasileiros e brasileiras, cumprir o meu dever: o dever do momento: os deveres de cada dia na confiança serena nos altos destinos do Brasil, do nosso Brasil! (17 de setembro de 1942).

Os comentários a respeito da guerra cessam aqui. Em seguida, V. retorna ao relato de suas atividades domésticas e seus envolvimento com uma escola de catecismo, além do grupo de orações a que pertence. Com o passar do tempo, menos frequentes se tornam as entradas, fazendo com que a diarista sinta, por vezes, necessidade de resumir os fatos considerados merecedores de figurar no diário. Haverá, ainda, uma entrada em que retoma o diário como interlocutor e confidente:

Geralmente só escrevo nesse caderno quando algum acontecimento de vulto ilumina ou ensombra nossa vida. Hoje, no entanto, uma necessidade de desabafo, de confidência me trouxe aqui: terminada a aula de catecismo, que recomecei a ensinar às crianças, ficamos palestrando Stella e eu. Não sei que palavra trouxe à baila o assunto desagradável e aborrecido das nossas relações rompidas com a família do C. (seu marido). O assunto poderia ter sido evitado, eu mesma fui culpada continuando. Nem sei mesmo o que me levou a confidenciar tanta coisa com uma pessoa que para mim é apenas uma indiferente, uma moradora do mesmo lugar, a quem nos prende apenas relações de cortesia... (...) Já havia comigo mesmo, nas páginas deste mesmo caderno, assentado não mais me referir a esse assunto que sempre me magoa e aborrece. (20 de maio de 1943).

Outros momentos como esse ocorrerão e serão relatados por V., sempre com o propósito de expiar uma culpa por um dado ato ou sentimento. Os registros das ocorrências domésticas prosseguem até o final, no dia 1 de janeiro de 1954, quando V. faz um balanço dos acontecimentos do ano anterior, terminando a entrada com votos de que o novo ano seja feliz. Não há menção sobre a continuação do diário ou do relato autobiográfico que intitulou de “A nossa história”. O que chama a atenção nesses dois cadernos é a transição entre uma escrita privada que vai, aos poucos, elegendo seu leitor ideal, a chegar quase a se tornar uma escrita epistolar. No segundo caderno, transforma-se em uma espécie de livro de assentos, de crônica familiar, mas vai, também aos poucos, recuperando algumas das funções diarísticas mais tradicionais e que ficavam sempre eclipsadas, no primeiro caderno, pelas constantes narrativas das oscilações de humor da diarista. Esse diário ilustra bem como a escrita diarística era encarada por um determinado grupo de praticantes – mais notadamente mulheres solteiras e jovens adolescentes –, certamente resultante de algum tipo de prática pedagógica ou, ainda, pela influência exercida pela presença de diários publicados no Brasil, a partir da década de 1930.

Conclusão

Ao longo da pesquisa, diversas possibilidades de análise do texto diarístico foram realizadas. As tentativas iniciais, aquelas que visavam localizar no texto a presença do outro através de sua destinação, esbarraram em um paradoxo: todo e qualquer texto diarístico a que se possa aceder negaria ou reforçaria a existência daqueles textos interditos, cujo destino – as chamas ou a lata de lixo – os afastou de qualquer possibilidade de leitura. Falar dos textos interditos, para contrapô-los àqueles que constituem um *corpus* de pesquisa seria algo como querer dissecar unicórnios.

Sempre que me punha a defender, com paixão, a hipótese de que todo e qualquer diário é escrito para ser lido e que, durante o processo de produção da escrita diarística, um leitor qualquer está ali presente guiando os passos, as intenções e servindo de audiência para as confissões mais íntimas do diarista... sempre que me estendia nessa argumentação surgia alguém para contra-argumentar: mas há diários que são escritos em segredo, jamais são descobertos e, em muitos casos, são destruídos pelo próprio diarista, para que não caiam em mãos erradas ou se deixem deflorar pela leitura curiosa de parentes e amigos, inimigos ou pesquisadores. Esses, aparentemente, seriam os textos interditos, escritos para ninguém – o que provaria ser minha hipótese se não completamente inválida, pelo menos irremediavelmente cinquenta por cento correta.

Via-me um pouco sem argumentos concretos contra esse ataque da realidade. Entretanto, imaginava – saído de uma enciclopédia *borgeana* ou de uma mitologia qualquer – a dissecação de um unicórnio e a descrição de seus aspectos anatômicos, fisiológicos e, por que não, psicológicos, por um pesquisador ou cientista. A que universo essa imagem pertenceria? O processo da dissecação sem dúvida existe e o unicórnio como seu objeto possível, também. Entretanto, onde encontrar o unicórnio para ser dissecado?

Os tais diários escritos em sigilo, mantidos ocultos por toda uma vida e destruídos sem que jamais fossem lidos foram, para mim ao longo dos anos de pesquisa, como unicórnios. Podem ter existido, ou existem, poderiam ser submetidos a análises e dissecações, mas a impossibilidade de encontrá-los não poderia desqualificar os esforços analíticos que manipulam suas contrapartidas

tangíveis. Em vez de unicórnios, meros cavalos – em vez de diários íntimos inviolados, aqueles a que se tem acesso. Em outras palavras, a opção pelo que se nos oferece tal como é, em detrimento daquilo que, em essência, seria inapreensível não deveria, assim, desqualificar cavalos ou *diários-nem-tão-íntimos-assim*. Ao contrário, o estudo dos diários utilizados nessa pesquisa mostra que, apesar de serem acessíveis – de alguns terem sido até mesmo publicados –, eles ainda preservam a essência do texto diarístico, ainda conservam um pouco da aura do texto original, pessoal e, muitas vezes, íntimo. E essa conjuntura dos momentos diversos da manutenção do diário, preservada, auxiliou nas análises. A amostragem, embora reduzida, aponta para a possibilidade de pensar o diário como espaço do eu e do outro, como produto de uma prática cuja importância precisa ainda ser reconhecida.